

## **A paternidade na adolescência: um estudo a partir da visão dos pais adolescentes do ambulatório de pré-natal do Hospital de Clínicas de Londrina**

Maysa Regina Procópio Utiamada\*

A adolescência é uma fase de grandes transformações, desde àquelas voltadas aos aspectos biológicos, principalmente as mudanças do corpo, como o processo de crescimento e desenvolvimento, até as comportamentais, que se direcionam aos fatores psicossociais. É também um período de insegurança quanto ao futuro, de instabilidade nos relacionamentos afetivos, de questionamento de normas e regras no convívio social, bem como de descobertas e do afloramento dos desejos sexuais. Essa passagem da infância para a vida adulta é considerada por alguns autores como um momento de conflito ou de crise.

Entre os adolescentes a atividade sexual vem se iniciando cada vez mais cedo, o que possibilita o aumento das consequências imediatas dessa sexualização infanto-juvenil, como é o caso da gravidez, que é vista e tratada como monopólio das meninas. Na maioria das sociedades ocidentais há uma separação da maternidade e paternidade menos acentuada, em que os homens começaram a aprender diretamente o significado de ser pai e a fazer para os filhos o que era feito, no decorrer dos tempos, pelas mulheres. Porém, ainda

---

\* Assistente Social do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) da região Leste do município de Londrina-PR. Especialista em Trabalho Social com Famílias (FECEA – Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana-PR/INBRAPE – Instituto Global de Estudos Avançados Ltda.). E-mail: mruwiamada@yahoo.com.br.

existe uma escassez de informações sobre a paternidade, sendo que as pesquisas tendem a focalizar a experiência da mãe e pouco se fala sobre o pai.

A partir da experiência no campo de estágio, percebemos, por meio de atendimentos e acompanhamentos sociais de gestantes adolescentes atendidas nas consultas de pré-natal do AHC (Ambulatório do Hospital de Clínicas), que um pequeno número contava com a participação do pai da criança nessas consultas. Tivemos assim, o interesse em desenvolver um trabalho referente a esse assunto, especificamente, sobre a paternidade na adolescência, no qual procuramos conhecer e analisar o seu significado a partir da visão de pais que se encontram nesta fase.

Iniciamos apresentando o perfil dos entrevistados, destacando os seguintes itens: idade, estado civil, escolaridade, ocupação e número de filhos.

**Quadro 1: Perfil dos entrevistados**

Adolescente	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Nº de filhos
A 1	18 a	Convivente (11 m)	7ª série (inc.)	Desempregado	1 (4 m)
A 2	19 a	Convivente (5 m)	8ª série (inc.)	Servente de pedreiro	1 (2 m)
A 3	18 a	Casado (1 a)	Ensino médio (compl.)	Serviços gerais (farmácia)	1 (9 m)
A 4	19 a	Convivente (1 a e 6 m)	8ª série (inc.)	Montador de móveis	1 (5 m)
A 5	19 a	Casado (2 a)	Ensino médio (compl.)	Decorador de festas	1 (10 m)

Dentre os adolescentes, 60% tinham 19 anos e 40%, 18 anos; 60% eram conviventes e 40%, casados; 60% não completaram o ensino fundamental e 40% concluíram o ensino médio; 60% se encontravam no mercado formal, 20%, no mercado informal e 20%, desempregados; e 100% eram pais pela primeira vez.

### **Vivência da fase adolescente e gravidez**

A primeira questão abordada nas entrevistas foi como os adolescentes se sentiam vivendo a fase da adolescência. Dentre os cinco, três destacaram que as responsabilidades aumentaram, principalmente no momento em que tornaram pai e constituíram uma família. Mesmo se encontrando na fase da adolescência

se viam como adultos, pois passaram a se dedicar ao trabalho e não apenas “curtir a vida”.

Verificamos que com a chegada do (a) filho (a) passaram a apresentar maiores preocupações, pois precisavam trabalhar para sustentar a criança e a companheira/esposa, e em função de suas famílias de origem não terem condições para auxiliá-los financeiramente, se consideravam como os únicos e grandes responsáveis pela manutenção da família.

Segundo Arilha (1998, p. 65),

Assumir um filho pode determinar a passagem de uma vida de “zoeira e irresponsabilidade, aprendizagem, molecagem” para uma vida de compromisso, perda de amizades, perda ou limitação da vivência da sexualidade como uma sexualidade do prazer, sem limites.

Apenas um dos entrevistados considerou a adolescência como um período mais voltado ao divertimento.

Na questão referente ao que os adolescentes pensavam da gravidez nessa fase da vida, os cinco não citaram nenhum ponto negativo. A partir do momento que souberam que teriam um (a) filho (a), começaram avaliar e refletir melhor sua situação, e mesmo cientes do aumento de responsabilidades, acreditavam que a criança recompensaria tudo.

Dos cinco entrevistados, dois disseram que com a paternidade passaram a analisar melhor algumas de suas condutas.

De forma implícita, dois adolescentes mencionaram perdas e dificuldades relacionadas à gravidez, sendo que um relatou ter perdido o resto de sua adolescência, e o outro, que passou a ter aumento de gastos.

### **Prevenção da gravidez**

Com o objetivo de investigar o nível de conhecimento dos entrevistados quanto aos métodos contraceptivos, foi perguntado quais os tipos de métodos que eles conheciam. Os cinco mencionaram a camisinha e a pílula, e dentre estes, três também citaram o DIU (Dispositivo Intra-Uterino), e um, a injeção. O motivo pelo qual a totalidade mencionou a camisinha e a pílula é porque estes métodos são os mais conhecidos, usados e distribuídos nas UBSs (Unidades Básicas de Saúde). Já o DIU e a injeção foram citados por alguns adolescentes porque eles sabiam de pessoas da família que os utilizavam.

Em relação à prevenção, os entrevistados usavam os métodos contraceptivos esporadicamente, e por isso sabiam que haveria a possibilidade de uma gravidez.

De acordo com Brandão (2004), tanto a iniciação sexual, quanto o aprendizado e o domínio da contracepção na adolescência têm caráter processual, não devendo ser considerados como um percurso linear, dotado de racionalidade, que se apresenta de modo incondicional. Existem descontinuidades que estão subordinadas a situações específicas:

[...] os jovens parecem estar mais atentos e vigilantes às primeiras relações sexuais, pela expectativa que geram, do que à continuidade dos intercursos sexuais. Se os contatos sexuais se dão no âmbito de um relacionamento amoroso ou mediante relações ocasionais, a adoção de medidas contraceptivas ou de proteção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) vai também variar. Os jovens tendem a ser menos vigilantes quando estão inseridos em relacionamentos mais duradouros (p. 77).

Ao serem indagados quanto à melhor forma para se evitar a gravidez, os cinco adolescentes enfatizaram que é usando métodos contraceptivos, sendo que para dois deles era necessário que se utilizasse a camisinha juntamente com a pílula, pois essa era indicada como a maneira mais segura de prevenção. Dois entrevistados destacaram somente o uso da pílula. Apenas um adolescente disse que o preservativo é a melhor forma.

Em relação à responsabilidade pela gravidez, todos os adolescentes afirmaram que esta é cabível ao casal.

Conforme Cavasin e Arruda (1998), a adolescente é responsabilizada ou ela mesma se responsabiliza totalmente pela gravidez, porque não se preveniu, ou quando o adolescente não se vê como parte da história e a coloca como responsável pela prevenção ou tem dúvidas quanto a sua paternidade.

## **Sexualidade**

Procurando conhecer a visão dos adolescentes sobre a sexualidade, perguntamos se o sexo é igual para os meninos e as meninas. Três deles responderam que há diferença. Para eles, é uma forma de passar o tempo, sem nenhum compromisso, ao contrário das meninas, que se envolvem emocionalmente.

Segundo Salem (2004, p. 21),

A submissão masculina aos constrangimentos do sexo impulsional tem, como outra de suas implicações, a representação e experimentação do sexo como um fim em si mesmo; isto é, como uma atividade que visa fundamentalmente satisfazer uma necessidade premente.

De acordo com Garcia (1998), nos estudos brasileiros referentes ao comportamento sexual e reprodutivo que contemplam a perspectiva de gênero, verifica-se que os discursos masculino e feminino estão articulados a evidenciar

que a construção social do gênero define as características, os atributos e comportamentos de mulheres e homens, sendo que estes são os que ainda possuem o poder de negociação e decisão maior sobre a maneira e o ritmo das relações sexuais. Mas, quanto às práticas contraceptivas e sexuais, respectivamente, há pouca participação e ausência de responsabilidade masculina, refletindo uma construção social da masculinidade que reforça os valores associados a sua hegemonia.

Porém, existem autores que enfatizam que ao se trabalhar com a sexualidade não se deve restringi-la somente à relação de gênero, por a sexualidade envolver outros aspectos.

Conforme Villela e Barbosa (1996, p. 190),

Para alguns, não se poderia tomar apenas o gênero como suporte de identidade individual, prescindindo de outros elementos estruturadores da pessoa. Do mesmo modo, tomar a sexualidade como subsumida ao gênero poderia ser insuficiente para dar conta dos diversos aspectos da sexualidade, em particular na oposição entre o sistema como um todo e a experiência individual. Sendo o corpo um locus de significados sexuais, práticas históricas e sensações físicas, simultaneamente sujeito e objeto de construções sociais, e estando a sexualidade referida a este complexo, o gênero seria apenas uma das dimensões a serem consideradas na sua abordagem.

Os outros dois adolescentes consideraram que o sexo é igual tanto para os meninos quanto para as meninas, sendo que um destacou que os meninos e as meninas têm a mesma liberdade, e o outro não separou sexo de amor, disse que na relação os dois devem se satisfazer.

### **“Eles estão grávidos”**

Num primeiro momento foi perguntado aos adolescentes sobre a sua reação quando souberam da gravidez. Um deles mencionou que ele e a namorada já estavam desconfiados, porque sempre conversavam, e assim que soube do resultado, não ficou tão surpreso.

Por não fazer o uso de método contraceptivo de modo contínuo, o casal acreditava que haveria a possibilidade de uma gravidez, e mesmo a adolescente já estando no segundo trimestre de gestação, a concretização desta só se deu a partir do momento que souberam do resultado do exame. Mesmo tendo quase certeza da gravidez, o casal se mostrou um pouco resistente, e um dos motivos era sua insegurança em relação ao preparo para a maternidade/paternidade. Mas assim que se teve a confirmação da gravidez, a adolescente recebeu todo o apoio de seu parceiro.

Segundo Salem (2004), o envolvimento masculino com a reprodução biológica se manifesta mais somente quando o risco de engravidar se concretiza em uma gravidez.

A autora também enfatiza que ao ocorrer uma gravidez inesperada da parceira com a qual o homem se sente comprometido, este tenderá a assumir o fato de alguma forma, pois “a sexualidade masculina, quando exercida no contexto do vínculo, reveste-se de um significado mais relacional do que meramente pulsional” (p. 39).

Quando o mesmo entrevistado foi indagado sobre a visão que tinha anteriormente da gravidez, relatou que sempre teve vontade de ser pai, por mais que soubesse das dificuldades e responsabilidades.

Quanto à reação dos entrevistados quando souberam da gravidez, três deles, num primeiro momento, disseram que ficaram baqueados, assustados e desesperados, porém, depois tudo foi normalizando.

De acordo com Brandão (2004, p. 74),

A avaliação juvenil sobre o relacionamento afetivo-sexual prévio à gravidez não atenua, no entanto, o impacto e o caráter assustador da gravidez. Decerto, a modalidade do vínculo mantido com os parceiros – ocasional ou “sério” – passa a ser problematizada e adquirir maior importância a posteriori, quando a gravidez está instalada, demandando a ponderação de seu enfrentamento.

Para um dos adolescentes foi normal saber sobre a gravidez. Um outro afirmou ter ficado feliz, mas assim que começou a refletir sobre a situação, percebeu que não estava preparado, o que o deixou meio preocupado.

### **Participação na gravidez, no parto e nos cuidados com a criança**

Ao serem indagados sobre a vivência da gravidez, os cinco adolescentes destacaram que estiveram sempre presentes, que participavam das consultas de pré-natal. Um deles mencionou que encontrou dificuldades, por não saber lidar com algumas situações, principalmente porque ele e sua companheira moravam sozinhos.

Quando a adolescente engravida, tanto ela quanto o seu parceiro se sentem inseguros e receosos em relação às transformações do corpo no estado gravídico e aos cuidados com a criança, principalmente se for a primeira gestação, e procuram estar próximos de mulheres, como mãe e sogra, que já vivenciaram uma gravidez, porque acreditam que estas possuem experiência e podem auxiliá-los.

Conforme Bio (1994, p. 87), “o corpo gravídico manifesta uma das fases de transformação e de transição da vida da mulher, que se incorpora à sua história anterior e cria condições ricas de crescimento e aprimoramento do feminino”.

A respeito de como se deu a participação no atendimento de pré-natal, parto, puerpério e primeiro ano de vida, todos os entrevistados relataram que participaram das consultas de pré-natal, mas por estas acontecerem em horários que a maioria se encontrava no trabalho, nem sempre podiam estar presentes. Três assistiram o parto, e a ausência dos outros dois foi pelo motivo de um estar trabalhando e o outro não suportar ouvir as mulheres reclamando de dor. Desses três, dois também participaram do puerpério, sendo que o outro precisou trabalhar. Os cinco adolescentes afirmaram ter auxiliado suas companheiras/esposas nos cuidados com a criança.

Um dos entrevistados se mostrou muito preocupado em relação ao acompanhamento nas consultas de pré-natal, e quando não podia ir, sua mãe o substituiu.

### **Experiência da paternidade/”paternagem”**

Nesta última fase da pesquisa, pretendíamos compreender como os adolescentes vivenciaram a paternidade.

Quanto aos cuidados com a criança, mencionaram que não eram tão contínuos principalmente porque a maioria trabalhava e tinha pouco tempo para ficar com o (a) filho (a), mas quando estavam em casa procuravam participar dos cuidados.

Mesmo encontrando dificuldades para estarem mais presentes desde o período gestacional até os cuidados com a criança, principalmente por causa do trabalho, os entrevistados não utilizavam essa condição como uma desculpa para a não-participação, pois não viam a companheira/esposa como a única responsável pela gravidez e pelo (a) filho (a), e sempre que podiam, procuravam desempenhar o seu papel de pai, o que normalmente não ocorre na sociedade.

Segundo Losacco (2003), se, por um lado, houve uma conquista da mulher com o surgimento da pílula e com a sua inserção no mercado de trabalho, por outro, ainda cabe a ela, sozinha, a responsabilidade nos cuidados com a gestação, o nascimento e a criação do filho. O homem, por sua vez, ainda se põe à margem das responsabilidades, tanto pela co-participação na gravidez quanto pela relação direta na criação da criança.

Para Lyra e Leão (2003, p. 79),

[...] a personalidade da mulher é, desde cedo, construída com base nas noções de relacionamento, ligação e cuidado, o que a levaria a se sentir responsável pela manutenção das relações sociais e pela prestação de serviços aos outros, características centrais do modelo de feminilidade.

Todos os entrevistados viam a presença do (a) filho (a) em sua vida de forma positiva, por se sentirem realizados e felizes, e colocavam a criança como a principal protagonista.

Um dos adolescentes considerava a parceira como responsável pela condição de provedora afetiva, em função do tempo que a mesma passava com a criança. Também queria conquistar esse espaço, enfatizando a importância de sua participação nos primeiros anos de vida.

No que se refere ao significado da paternidade, a maioria dos adolescentes associava o papel de pai com a responsabilidade pelo provento material e moral da família.

De acordo com Faria e Nobre (1997, p. 12),

As relações de gênero são sustentadas e estruturadas por uma rígida divisão sexual do trabalho. O papel masculino idealizado é de responsabilidade pela subsistência econômica da família e a isso corresponde designar o trabalho do homem na produção. A atribuição do trabalho doméstico designa as mulheres para o trabalho na reprodução: ter filhos, criá-los, cuidar da sobrevivência de todos no cotidiano.

Dois entrevistados consideravam a relação pai e filho (a) mais voltada a troca de afetividade e a algo prazeroso.

Quanto às expectativas dos adolescentes em relação à vida, ao (a) filho (a) e a parceira, a maioria destacava que queria dar o melhor para sua família, e se via como a responsável pela manutenção desta.

Segundo Arilha (1998), entre mulheres e homens existem divergências sobre o que consideram mais interessante a respeito dos processos reprodutivos. As mulheres têm o desejo pelo filho, e os homens, pela família.

A idéia/desejo/vontade/aspiração de ser pai viria com a maturidade e com o casamento, ao contrário do que parece ocorrer com muitas mulheres que ainda necessitam do filho para determinar sua feminilidade (Leal e Boff apud Arilha, 1998, p. 60).

## **Considerações finais**

Na adolescência a gravidez caracteriza-se como um problema social, e as suas consequências são na maioria das vezes vistas somente no âmbito feminino, em função de que nem sempre a adolescente tem o apoio de sua família e do



pai da criança, é oprimida e discriminada socialmente, precisa abandonar os estudos para cuidar do filho, entre outros. Porém, o que observamos nas entrevistas nos faz refletir sobre o posicionamento dos adolescentes frente à gravidez, os quais também sofreram com suas implicações, ao assumirem a paternidade.

Os entrevistados passaram a se considerar como os responsáveis pelo provento material, precisando trabalhar para sustentar a esposa/companheira e o (a) filho (a), e se viram como partícipes nos cuidados com a criança, fazendo com que tivessem maiores preocupações, que dessem prioridade à família, deixando de lado a “zoeira”, e se inserindo no mundo adulto. Esses adolescentes também não estavam tão preparados para essa mudança brusca, pois antes eram filhos, tinham menos responsabilidades, e agora são pais. Por não poderem contar com o auxílio financeiro da família de origem, passaram a assumir sozinhos a manutenção da família.

Num primeiro momento vem a grande indagação: se esses adolescentes sabiam que existiam dificuldades para criarem um filho, por que não se preveniram? Quanto ao conhecimento, uso e aquisição de métodos contraceptivos, tinham um certo esclarecimento, e para se compreender melhor os fatores que envolvem uma gravidez não se pode restringi-la apenas aos aspectos objetivos, mas também aos subjetivos. É preciso saber de forma mais aprofundada quais os motivos que levaram o casal à concretização da gravidez.

Em função de terem um relacionamento estável, os adolescentes não eram muito vigilantes na prevenção, e caso ocorresse uma gravidez, mesmo reconhecendo que não estariam preparados, pretendiam assumi-la.

Não se pode generalizar a gravidez na adolescência como inconsequente, desastrosa e indesejada, pois há adolescentes que engravidam nesse período da vida porque desejam ter um filho. É claro que não se deve deixar de destacar que a gravidez tanto pode ser fruto da vontade, como da falta de informação sobre sexualidade, saúde reprodutiva e métodos contraceptivos; da dificuldade da jovem em negociar o uso do preservativo com seu parceiro; da falta de preocupação deste em praticar sexo seguro para evitar uma possível gravidez; etc.

A adolescente é muitas vezes culpabilizada pela gravidez, o que não foi verificado nas entrevistas, pois os adolescentes também se viam como responsáveis pelos processos sexuais e reprodutivos. Os variados fatores que colaboram para que ocorra este fenômeno em grande número são sempre relacionados ao indivíduo, e não à escassez e a ineficácia de políticas sociais públicas que atendam o segmento, as quais, segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), deveriam priorizar o adolescente ao serem formuladas e executadas.

Mesmo reconhecendo que houve grandes avanços nas políticas para crianças e adolescentes com a implantação do ECA nos anos 1990, no qual enfatiza-se que todas as crianças e adolescentes gozam de um mesmo status jurídico e de uma mesma gama de direitos fundamentais, ainda se tem uma defasagem muito acentuada quanto aos programas e projetos voltados a esses segmentos, que são realizados de forma desarticulada e fragmentada.

Acreditamos ser necessário um maior investimento em políticas públicas voltadas aos (às) adolescentes nos diversos âmbitos, sendo que em relação à saúde sexual e reprodutiva deveriam ocorrer ações que integrassem e articulassem as diferentes áreas, como por exemplo, a educação, a assistência social e a saúde, que estivessem direcionadas a ambos os sexos.

## **Bibliografia**

- ARILHA, M. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. 34. ed. São Paulo: ECOS, 1998. p. 51-77.
- BIO, E. R. A Grávida e o Corpo. In: ZUGAIB, M.; SANCOVSKI, M. *O pré-natal*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1994, p. 87-96.
- BRANDÃO, E. R. Iniciação Sexual e Afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 63-86.
- CAVASIN, S. M. P.; ARRUDA, S. Educação Sexual e Comunicação para Adolescentes. In: *Seminário Gravidez na Adolescência*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde/Family Health International/Associação Saúde da Família, 1998. p. 110-118.
- ECA. In: Legislações: direitos de cidadania. Conselho Regional de Serviço Social - CRESS, 11ª Região. Curitiba - PR, nov./2003.
- FARIA, N.; NOBRE, M. *Gênero e Desigualdade*. São Paulo: SOF, 1997.
- GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. 34. ed. São Paulo: ECOS, 1998. p. 31-50.
- LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE/PUC SP, 2003. p. 63-76.
- LYRA, J. L.; LEÃO, L.S. Homens e cuidado: uma outra família? In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE/PUC SP, 2003. p. 79-91.

- SALEM, T. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, M. L. *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 15-61.
- VILLELA, W. V.; BARBOSA, R.M. Repensando as relações entre gênero e sexualidade... In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (org.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. p. 189-212.